

Sessão 24 - Limehouse Blues - Ato 1

*(17 de maio de 1925 — Repetir não é lembrar.)*

Eles se dividiram.  
Foi Rosa quem sugeriu.  
Ou foi Camilla?  
Não importa.

James foi ao pub.  
Ele precisava de ar.  
Mas o bar estava abafado.  
Cheirava a cerveja, mofo e sangue coagulado da placenta.

Evelyn ficou no carro.  
Cassilda mantinha a compostura.  
Ela sempre mantém.  
Mas quando Peter a chamou de "mãe", ela demorou para responder.

O caminhão ainda estava lá.  
Ferris & Filhos.  
Um nome limpo, pintado com cuidado.  
Mas havia sangue seco na roda traseira.  
Só Mako notou.  
Ou foi a Criança?

Ela não disse nada.  
Porque, no fundo, ela sabe.  
Sempre soube.

No navio, Rosa hesitou.  
Mas Evelyn a empurrou com os olhos.  
Camilla desceu.  
Dizendo que nunca teve escolha.

No pub, Vera Cartwright falava como quem lê um diário íntimo.  
Ela sabia dos corpos.  
Sabia do capitão.  
E sabia do homem de pele rachada, como ouro corroído por sal.

Ela olhou para James e disse:  
"Você parece com ele.  
Mas ele não gritou tanto."

James sorriu.  
Mas só com os dentes.

Septimus observava.  
Sempre observa.  
Sempre calcula o custo.  
Ele sabe que alguns pactos continuam mesmo depois da morte.

A Criança subiu no navio.  
Ninguém a viu.  
Mas lá estava ela, no convés, olhando para o céu.  
As estrelas pareciam erradas.  
Como se alguém tivesse reorganizado o firmamento.

No porão, Evelyn tocou as caixas.  
Rosa se afastou.  
Ela sentiu cheiro de fumaça.  
Ou carne queimada.  
Ou de corda de força.

Uma caixa tinha o nome de sua linhagem.  
Ou da família de Erica.  
Ou ambos.

Ela queria destruir aquilo.  
Mas Evelyn anotou.  
Ela sempre anota.



James falava com o capitão.  
Mas sua voz falhava.  
Era a voz de outro.  
Um que ele matou.  
Ou mandou matar.  
Ou inventou para justificar o que fez.

Ele falava de rituais.  
De carga viva.  
Ele sabe que navios não flutuam - apenas afundam extremamente devagar,  
arrastando os que não sabem nadar.

De volta ao carro, Peter estava quieto.  
Uoht olhava para o espelho retrovisor.  
Evelyn viu a si mesma ali.  
Mas estava sorrindo.  
E os dentes...  
Não eram seus.

No escritório de Puneet, as cadeiras eram frias.  
Evelyn se sentou mesmo assim.  
Ela gosta da rigidez.  
Da simetria.  
Do controle.

Mas ela se perdeu lendo o manifesto.  
A linha 7 era um feitiço.  
A linha 13, um nome.  
A linha 14, o peso do bebê da Rosa.  
Mas isso não podia estar ali.  
Podia?

Septimus percebeu que Puneet mentia.  
Mas não se importou.  
Ele já aprendera que a verdade é uma muleta para os fracos.  
E ele já perdeu o direito de mancar.

James pressionou.  
Puneet cedeu.  
Disse "Xangai".  
Mas o papel dizia outra coisa.  
Dizia: "Onde as luas não morrem."  
E Evelyn entendeu.  
Mas não contou.

Rosa tocou o ventre.  
Por hábito.  
Ou por lembrança.  
Ou por culpa.

Ela ouviu um choro.  
Mas ninguém mais ouviu.  
Ouviram?

Mako perguntou sobre o caminhão.  
"E se eu que os mandei para lá? Hyde Park."

BOOM!  
Ninguém respondeu.  
Ela também não esperava resposta.

E no fim...

Cassilda olhou para o reflexo.

Evelyn viu algo atrás do vidro.

James sentiu cheiro de pólvora onde não havia armas.

Septimus viu a sombra de Eleanor passando atrás de uma porta que estava trancada.

Ele disse que era ilusão.  
Mas trancou a porta mesmo assim.

Camilla sorriu.  
Rosa não percebeu.



A Criança olhou.

Para você.

Sim, você que está lendo

E perguntou, sem mover os lábios:

"Quem está interpretando você?"